

Texto do convidado

O que não existe mais

Rogério Naques Faleiros



Graduado em História pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) (1999). Mestre (2002) e Doutor (2007) pelo Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), tendo cumprido estágio pós-doutoral (2024) na Lingnan University (Hong Kong). Atualmente, é Professor do Departamento de Economia e do Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Foi Diretor do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas da Ufes entre 2013 e 2020, e Pró-reitor de Planejamento e Desenvolvimento Institucional entre 2020 e 2023. É membro da *Global University for Sustainability*, grupo que reúne intelectuais e ativistas de todo o mundo preocupados com a construção de alternativas sustentáveis, ecológicas e justas.

O título deste breve artigo, em alusão ao romance escrito pelo ótimo Krishna Monteiro, busca identificar os erros de percepção e diagnósticos quando somos tomados por um irremediável pecado, qual seja, o Anacronismo, cuja definição corresponde ao ato de atribuir a

uma época ideias, juízos e sentimentos que pertencem a uma outra quadra histórica, processo que, como regra, é acompanhado pela solidão, pela melancolia e pela constante sensação de desajuste. Este parece ser o anátoma de nosso tempo: caminhamos para o futuro com a cabeça no passado.

Os Estados Unidos da América e seus asseclas da Europa Ocidental (enfim, o “Otanistão”, no genial neologismo de Pepe Escobar) parecem mover-se a partir da premissa de uma incontrastável hegemonia, cingida entre 1898 (Guerra Hispano-Americana) e o Consenso de Washington, marco ególatra do neoliberalismo anti-humano, situados na centúria, no qual os EUA venceram duas guerras mundiais e comandaram o mundo em seus aspectos produtivo, cultural, financeiro, monetário e militar, de modo que o “poder de fogo” confundia-se com o “poder do dólar”, impondo uma espécie de *bainian guochi* ao Sul Global: do Iraque à Somália, dos Balcãs às provocações a partir de Taiwan, dos golpes patrocinados na América Latina à Guerra da Coreia, do

desmanche da URSS e a capitulação da Rússia à Guerra ao Terror, das manipulações no mercado de Petróleo aos muros na fronteira mexicana. O tabuleiro de operações esteve sempre favorável aos *yankees* por um aspecto decisivo: o déficit fiscal e comercial levavam (e ainda levam) o mundo a financiar as suas operações de guerra nos quatro cantos do planeta, sendo decisivo, para isso, a hegemonia do dólar.

O século da hegemonia americana ensejou crescentes rivalidades com o bloco socialista eurasiático, com a China e o Oriente Médio, e mesmo com o bloco de países não alinhados, organizados a partir da Conferência de Bandung. O momento-chave do poder estadunidense fora o choque dos juros promovido por Paul Volcker em 1979, drenando significativa liquidez mundial e ocasionando a valorização do dólar, ao mesmo tempo em que promoveu a modernização seletiva de seu parque produtivo a baixo custo e exportou crises econômicas mundo a fora que contribuíram com o enquadramento do Japão e da Alemanha, com o estilhaçamento do bloco soviético e com um contexto dramático na China a partir dos eventos de *Tiananmen Square*, em 1989. Fora a dura lição imposta à Eurásia, indicando a necessidade de buscar um caminho soberano e original, o que hodiernamente matura-se como o Socialismo com características chinesas da Nova Era, na expressão cunhada por Xi Jinping e na aproximação da potência oriental com a Rússia,

em eixo de poder que rivaliza com o Otanistão em sua estratégia de guerra permanente, redundando nos recentes conflitos que se desenrolam na Ucrânia e no território palestino.

Há várias camadas de problemas nestes eventos bélicos: i) a crise econômica mundial, acentuada pela pandemia, tem escancarado as dificuldades do ocidente e do Japão no atual contexto. Após décadas de crescimento medíocre, os países ditos “desenvolvidos” se veem prostrados e já sentem a concorrência chinesa em setores da economia altamente intensivos em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) que tradicionalmente dominaram, como o de *microchips*, microeletrônica, *Big Data*, e automotivo (notadamente no que se refere à eletrificação); ii) a crise é particularmente dramática na Alemanha, em face da alta do custo de energia deflagrado pela guerra e pelas sanções impostas à Rússia, que, como resposta, reduziu significativamente o fornecimento de gás natural à Europa Ocidental. A nova correlação dos preços de produção levou o outrora potente *export drive* alemão à estagnação. Ademais, sem um claro projeto de transição energética, os setores de carros à combustão, da indústria química e da siderurgia padecerão. A questão é particularmente problemática quando observamos os seus efeitos de propagação em toda União Europeia, arrastando consigo a França, a Itália e quase todas as economias desta zona; iii) a Rússia já venceu a guerra

contra a Ucrânia e, por tabela, apresentou ao mundo arsenal militar de última geração (jatos e mísseis de longo alcance). Zelensky já foi atirado à própria sorte e resta agora observar os termos de rendição. As sanções impostas pelo Ocidente não surtiram os efeitos desejados, e a exclusão do sistema de pagamentos internacionais via Sociedade para Telecomunicações Financeiras Interbancárias Mundiais (no inglês, SWIFT) apenas acelerou o *Financial Tech* russo e chinês na busca de alternativas à dolarização da economia mundial. De quebra, Vladimir Putin goza de elevada aprovação popular e o ano de 2024 marcará a presidência russa nos BRICS ampliado, já incorporando Irã, Arábia Saudita, Etiópia, Emirados Árabes Unidos, Egito e provavelmente, no futuro, a Venezuela. A linha de comando certamente será partilhada com Xi Jinping, que habilmente vem tentando viabilizar as novas rotas da seda marítima e terrestre, bem como um poder financeiro alternativo a Nova Iorque, Londres e Bruxelas, voltado ao Sul Global. Deve-se observar que este movimento das “placas tectônicas” que está ocorrendo nos marcos de uma transição hegemônica passa ao largo da grande imprensa econômica brasileira, cujas principais mentes foram crucificadas na cantilena do equilíbrio fiscal e do liberalismo. Triste.

Particularmente complexa é a situação dos sanguinários conflitos na Faixa de Gaza. Regionalmente, a histórica presença americana e britânica causou o caos, ao alinhar-se à

perene política de genocídio israelense e ao indefensável massacre de civis depauperados. O conflito vai se alastrando aos países circunvizinhos, envolvendo o Líbano, o Irã e o Paquistão, trazendo contornos imprevisíveis à situação, dado que passou a envolver potências nucleares. Em termos econômicos, a União Europeia vê-se enclacrada também por este flanco, dada a dependência de sua matriz energética de combustíveis fósseis advindos da região. Pressionados pela inflação de custos, pela queda da atividade econômica e pela desindustrialização, a Europa vive crise social crescente, revigorando-se lá as sementes do fascismo. Os EUA também acusaram o golpe e estão cada vez mais desfalcados de seus aliados históricos e parceiros comerciais relevantes, como também enfrentam problemas com uma transição energética errática e com problemas sociais que parecem não ter fim. Ademais, é claro o esgotamento das instituições ditas multilaterais por eles criadas para orquestrar o mundo, como a Organização das Nações Unidas (ONU), o Fundo Monetário Internacional (FMI) e *tutti quanti*, que simplesmente não conseguem responder aos desafios do presente e do futuro, visto que olham para um passado que não existe mais.

A situação do Oriente Médio, assim como a de toda a Eurásia, constitui um verdadeiro batismo de fogo ao *soft power* chinês. As questões fronteiriças envolvendo a Rússia e algumas das outrora repúblicas soviéticas, as rivalidades entre xiitas e sunitas

polarizadas entre Irã e Arábia Saudita que se alastram por toda a região, e a pendenga histórica entre Índia e Paquistão não resolvidas desde Gandhi e a descolonização, constituem alguns dos desafios a serem enfrentados na região e que precisam ser superados caso Pequim de fato objetive a construção de alternativas ao Sul Global. Não é tarefa fácil.

No umbral da transição hegemônica, o passado insiste em permanecer, enquanto as diretrizes para o futuro ainda não foram construídas. É neste momento que o anacronismo ganha força e constitui lente míope pela qual os donos do poder observam o mundo. Neste quadro, os dilemas vão se somando: como levar a cabo a transição energética se estamos presos ao dogma dos orçamentos equilibrados, cuja ideia e prática levam água ao moinho da financeirização da riqueza e da desigualdade social? Como reconstruir a economia mundial sobre outras

bases sem uma guerra? Quem será capaz de garantir sua própria soberania energética e alimentar em face das mudanças climáticas em curso? Seria o Império do Meio capaz de mediar conflitos em escala mundial e dotar a economia de algum “Norte”? Muito mais perguntas do que respostas, neste mundo que já não existe mais.

Referências:

- CHAZAN, Guy. **Transição verde e energia cara desafiam a economia da Alemanha**. Folha de São Paulo, 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2024/01/transicao-verde-e-energia-cara-desafiam-economia-da-alemanha.shtml>. Acesso em 03 jan. 2024.
- LUFT, Gael & KORIN, Anne. **De-dollarization: The revolt Against the dollar and the raise of a new financial world order**. Estados Unidos: Independently Published, 2019.
- MONTEIRO, Krishna. **O que não existe mais**. São Paulo: Tordesilhas, 2015.
- NOVAIS, Fernando A. **Aproximações: estudos de história e historiografia**. São Paulo: Editora 34, 2022.